Capítulo I

Ela era amável, e Ele amava-A; Ele, porém,
não era amável, e Ela não O amava.
(Peça antiga)

Madame, conhece esta peça antiga? É uma peça bem invulgar, apenas um pouco melancólica de mais. Uma vez desempenhei nela o papel principal, e todas as senhoras choraram, só Uma não chorou, nem uma única lágrima ela chorou, e essa era precisamente a intenção da peça, a verdadeira catástrofe.

Oh, esta única lágrima! — ainda me atormenta os pensamentos; o Satanás, quando me quer levar a alma à perdição, sussurra-me aos ouvidos uma canção fatal, com uma melodia ainda mais fatal — ah, só no Inferno se ouve esta melodia!

— — — — —
— — — — —

Pode bem imaginar, Madame, como se vive no céu, tanto mais que é casada. Aí há divertimentos soberbos, vive-se no puro prazer, tal qual como Deus na França. Come-se de manhã à noite e a cozinha é tão boa como a do Jagor, os gansos assados passam voando com tacinhas de molho nos bicos, e sentem-se lisonjeados quando os comem, bolos reluzentes de

manteiga crescem espontaneamente como girassóis, por todo o lado ribeiros com caldo e champanhe, por todo o lado árvores em que adejam guardanapos, e come-se, e limpa-se a boca, e volta-se a comer sem se ficar mal-disposto, cantam-se salmos, ou brinca-se e graceja-se com os ternos anjinhos, ou vai-se passear para o verde Prado Aleluia, e as roupas brancas flutuantes assentam confortavelmente, e nada perturba o sentimento da bem-aventurança, nenhuma dor, nenhum mal-estar, até mesmo, se alguém pisa os calos de outrém e exclama *excusez!*, este sorri, como que iluminado, e assegura: a tua pisadela, irmão, não magoa, antes *au contraire*, faz o meu coração sentir ainda maior alegria celeste.

Mas do Inferno, não tem a Madame a menor ideia. De todos os demónios talvez conheça o mais pequeno, o Belzebutinho Amor, o gracioso *croupier* do Inferno; quanto a este, só o conhece por intermédio do Dom João, e para este enganador de mulheres, que dá tão mau exemplo, nunca aquele lhe parecerá suficientemente escaldante, ainda que os nossos digníssimos directores teatrais empreguem, para o representar, tanta quantidade de fogo de vista, chuva de fogo, pólvora e colófnia, quanta qualquer bom cristão pode exigir no Inferno.

Entretanto, no Inferno as coisas apresentam-se bem piores do que os nossos directores teatrais pensam — senão, também não levariam à cena tantas peças más — no Inferno faz um calor infernal, e quando lá estive nos dias mais quentes, achei-o insuportável. Não faz ideia do que é o Inferno, Madame. Recebemos poucas notícias oficiais de lá. Mas que digam que as pobres almas que lá estão em baixo têm de ler todos os maus sermões que se imprimem cá em cima — isso é calúnia. Também não é tão mau assim no Inferno, Satanás nunca conceberá torturas tão requintadas. Em contrapartida, a descrição de Dante é um pouco moderada de mais, e, na generalidade, excessivamente poética. Eu vi o Inferno como uma grande cozinha burguesa, com um fogão infinitamente longo, onde assentavam três filas de panelas de ferro, e dentro destas esta-

vam os condenados a assar. Numa fila, estavam os pecadores cristãos e, quem diria!, o seu número não era de forma alguma reduzido, e os diabos atiçavam-lhes os lumes com particular afã. Na outra fila estavam os judeus, que gritavam permanentemente, e de quem os diabos por vezes zombavam, tal como aconteceu no episódio burlesco em que um penhorista gordo e ofegante se queixou do excesso de calor, e um diabinho lhe deitou uns quantos baldes de água fria pela cabeça abaixo, para que ele visse que o baptismo é, de facto, um benefício refrescante. Na terceira fila estavam os pagãos que, tal como os judeus, não podem participar da bem-aventurança, e têm de arder eternamente. Eu ouvi um deles, em cujo lume um diabo robusto colocava mais carvão, gritar renitentemente de dentro da panela: “Poupa-me, eu era Sócrates, o mais sábio dos mortais, ensinei a verdade e a justiça e sacrifiquei a minha vida pela virtude.” Mas o estúpido diabo robusto não se deixou perturbar no seu trabalho e resmungou: “Qual quê! todos os pagãos têm de arder, e não podemos fazer excepção por causa de uma pessoa só.” — Asseguro-lhe, Madame, que havia um calor tremendo e havia gritos, suspiros, gemidos, berros, choros convulsivos — e, através de todos estes sons horríveis, fazia-se ouvir distintamente aquela melodia fatal da canção da lágrima que ficou por chorar.

Capítulo II

Ela era amável, e Ele amava-A; Ele, porém,
não era amável, e Ela não O amava.
(Peça antiga)

Madame, a peça antiga é uma tragédia, embora o seu herói não seja morto, nem se mate a si próprio. Os olhos da heroí-

na são belos, muito belos — Madame, não sente o perfume de violetas? — muito belos, e contudo tão cortantes que me penetraram o coração como punhais de vidro, e decerto se assomaram nas minhas costas a espreitar para o outro lado — mas eu não morri por causa desses olhos assassinos. A voz da heroína também é bela — Madame, não ouviu agora mesmo o canto dum rouxinol? — uma voz bela e sedosa, uma doce tessitura dos sons mais luminosos, e a minha alma enredou-se nela, e estrangulava-se e atormentava-se. Eu próprio — é o conde do Ganges que está agora a falar, e a história passa-se em Veneza — eu próprio estava farto dessa torturas, e pensava em pôr fim à peça logo no primeiro acto, fazendo saltar com um tiro o barrete do bobo juntamente com a cabeça, e fui a uma loja de bugigangas na Via Burstah, onde encontrei um par de belas pistolas colocadas numa vitrina — ainda me lembro muito bem, perto delas estavam muitos brinquedos de madrepérola e ouro, corações de ferro pendentes de fiozinhos dourados, chávenas de porcelana com ternas legendas, caixas de rapé com bonitas imagens, por exemplo, a divina história de Susana, o canto de cisne de Leda, o rapto das Sabinas, a Lucrecia, a gorda criatura virtuosa, de peito nu, no qual ela vem depois a cravar o punhal, a saudosa Bethmann, *la belle ferronière*, tudo rostos sedutores — mas eu comprei mesmo as pistolas, sem regatear muito, e comprei balas, e pólvora, e depois fui para a adega do Signor Unbescheiden e mandei vir ostras e um copo de vinho do Reno —.

Não conseguia comer, e muito menos beber. As lágrimas ardentes caíam-me no copo, e no copo via a querida pátria, as águas azuis do sagrado Ganges, o Himalaia, eternamente resplandecente, as enormes florestas de figueiras orientais, em cujas amplas áleas vagueavam calmamente os sábios elefantes e os peregrinos brancos, flores estranhamente sonhadoras olhavam-me, aconselhando-me em segredo, maravilhosas aves douradas cantavam loucamente a sua alegria, os raios

cintilantes do sol e as risadas doces e tolas dos macacos brincavam amorosamente comigo, de distantes pagodes faziam-se ouvir as devotas orações dos sacerdotes, e de permeio soava num lamento a voz dorida da sultana de Deli — ela percorria furiosamente os seus aposentos de um lado para o outro, rasgou o seu véu prateado, lançou ao chão a escrava negra que empunhava o leque de penas de pavão, chorava, gritava — mas eu não a conseguia entender, a adega do Signor Unbescheiden está à distância de 3000 milhas do harém de Deli, e, além disso, a bela sultana já estava morta havia 3000 anos — e bebi apressadamente o vinho, o vinho claro e alegre, e, contudo, cá dentro a minha alma fazia-se cada vez mais escura e triste — eu estava condenado à morte — — —

Quando voltei a subir a escada da adega, ouvi dobrar o sino dos condenados, uma vaga de gente passou por mim; mas eu postei-me à esquina da Strada San Giovanni e recitei o seguinte monólogo:

Nos contos antigos há palácios dourados,
 Onde cantam as harpas e bailam donzelas,
 E reluzem os servos, e se difundem
 Os perfumes do mirto, da rosa e do jasmim —
 Mas basta uma palavra de desencanto
 E todo o esplendor num ai se dissipa
 E restam apenas velhos escombros
 E aves nocturnas que grasnam no pântano.
 Assim também eu, com uma só palavra,
 Quebrei o encanto da natureza em flor
 E agora ela jaz, morta, fria e fétida,
 Como o cadáver enfeitado de um rei
 A quem pintaram os ossos da face
 E colocaram um ceptro nas mãos.
 Mas os lábios ficaram amarelos e murchos
 Porque se esqueceram de os pintar de vermelho